



## Interpretações: entre a literatura e a psicanálise

Renato Tardivo\*

Passos, C. R., Rosembaum, Y. (Orgs.). *Interpretações – crítica literária e psicanálise*. Cotia: Ateliê Editorial, 2014. 256 p.

*Interpretações – crítica literária e psicanálise* reúne ensaios sobre o complexo parentesco entre essas duas áreas. Com efeito, as reflexões do livro não incorrem nos dois problemas mais frequentes quando psicanálise e literatura são relacionadas: 1º) a recusa prévia da possibilidade de diálogo, sobretudo por parte dos literatos, que podem ver na psicanálise apenas uma terapêutica ou um fazer normativo; 2º) a aplicação direta de conceitos da psicanálise à literatura, de modo que o analista encontre no texto aquilo que ele próprio escondeu. Ao contrário, abordando diversas perspectivas dessa relação, os ensaios são divididos em duas seções: “O ato interpretativo”, que inclui reflexões sobre os dois fazeres, tendo a interpretação como mediadora; e “Fases da interpretação”, que apresenta análises cuidadosas de obras literárias. Assinam os textos da primeira parte: Alfredo Bosi, Adélia Bezerra de Menezes, Camille Dumoulié, Caterina Koltai, João Frayze-Pereira e Joel Birman. E, na segunda: Cleusa Rios P. Passos, José Miguel Wisnik, Márcia Marques de Moraes, Philippe Willemart, Roberto Zular e Yudith Rosembaum. Não sendo possível falar de todos, a seguir, comentarei alguns desses textos.

Abre o conjunto o ensaio de Alfredo Bosi: “Psicanálise e crítica literária – proximidade e distância”. Recorrendo a clássicos da literatura e a importantes pensadores da cultura, Bosi coteja possibilidades e limites implicados na relação entre as duas áreas. Entre os limites, talvez o mais significativo apontado pelo crítico seja o seguinte: “A Psicanálise conhece para curar, é uma ciência com vistas a uma terapêutica; a crítica literária, ao contrário, ao que eu saiba, nunca curou ninguém do vício de escrever, que continua compulsivo e impune” (p. 20).

No ensaio seguinte, Adélia Bezerra de Menezes empreende um mergulho na práxis da interpretação presente nos dois campos e, como se continuasse o texto de Bosi, encaminha a reflexão do primeiro capítulo. Escreve a autora:

\*Escritor e psicanalista. Mestre e doutorando em Psicologia Social da Arte (IP-USP). Professor da Faculdade de Psicologia do Centro Universitário São Camilo, autor dos livros de contos *Do avesso* (Com-Arte/USP) e *Silente* (7Letras), e do ensaio *Porvir que vem antes de tudo – literatura e cinema em Lavou-ra arcaica* (Ateliê Editorial/Fapesp).





No paralelo que vim montando entre Interpretação literária e Interpretação psicanalítica, sempre ressaltando as semelhanças, há que se fazer uma distinção; uma diferença entre a práxis do crítico literário e a do psicanalista. É que, no caso específico da Psicanálise, há uma intenção terapêutica no uso da palavra. [...] Essa eficácia terapêutica, no entanto, no encontro analítico, talvez se deva menos a uma "vontade interpretativa" do que a um movimento de verbalizar, a um nomear, a uma passagem à palavra [...] Assim, nem seria propriamente a interpretação que conta, mas mais propriamente a possibilidade que se oferece da presença de um outro atento, e que – para usarmos os termos de Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas* – "ouve com devoção" (pp. 42-43).

Ou seja, dessa perspectiva, vislumbra-se uma psicanálise cujo fim não é a cura pelo conhecimento, mas a vivência de um método que, em seu fazer específico, assemelha-se à literatura.

Em "Uma visita aos sonhos na arte: Grete Stern e Henri Matisse", João Frayze-Pereira propõe, no âmbito da psicanálise implicada, aquela que "respeita a singularidade da obra e constrói interpretação para ela, derivando-a dela, na justa medida dela" (p. 71), duas aproximações: primeiro com uma série de fotomontagens da fotógrafa alemã Grete Stern, depois com uma mostra de obras de Matisse. As interpretações propostas pelo autor são precisas em sua poeticidade, e os sonhos visitados, na arte, comunicam-se com os sonhos, tais quais compreendidos pela psicanálise.

Talvez o ensaio mais denso do livro seja "Escrita e ficção em psicanálise", de Joel Birman. O autor empreende um resgate da história da psicanálise, retoma aspectos importantes do pensamento de Freud, pontua as obras em que as questões aparecem e, em um texto esclarecedor, fundamenta a tese da "presença inequívoca da dimensão ficcional no fundamento do psiquismo" (p. 93). O deslocamento da teoria da sedução para a teoria do fantasma empreendido pela psicanálise, quer dizer, a distinção proposta por Freud entre realidade psíquica e realidade material, traz como decorrência a dimensão ficcional do psiquismo, cuja ordem é sexual, é atravessado pelo desejo e contém os fantasmas – mediadores entre o sujeito e o acontecimento real. Dessa perspectiva, problematizam-se todas as modalidades de registro, não apenas em psicanálise ou literatura, mas na história, que seria, portanto, também ela atravessada pela ficção. E, mais além:



Da mesma forma que a história perderia assim a dimensão estrita das regras do positivismo documental, a biografia seria também permeada pelo registro da ficção. Por isso mesmo, qualquer *autobiografia* seria necessariamente da ordem da *autoficção*, na qual é o sujeito ficcional o que estaria sempre em pauta. Seria esta modalidade de sujeito que estaria em cena não apenas na experiência psicanalítica, como também nas narrativas realizadas sobre esta experiência. (p. 111)

A seção dedicada às análises apresenta ensaios que acrescentam sentidos ao leitor que já tomou contato com as obras e funcionam como convite à leitura daquelas que o leitor ainda não conhece. A temática do espelho, cara tanto à literatura quanto à psicanálise, o *Unheimlich*, o Édipo, enfim, esses e outros temas relevantes compõem nas interpretações lançadas às obras de, entre outros, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Chico Buarque.

A temática da interpretação atravessa todos os ensaios, tanto os teóricos quanto os analíticos, não apenas enquanto aquilo de que se fala, mas também pelo *modo* como se fala. Com efeito, não há outra maneira de abordar a interpretação senão interpretando. E, nesse aspecto, a confluência entre crítica literária e psicanálise é mesmo inegável.



---

## RENATO TARDIVO

Rua André Ampère, 153, cj. 63. Brooklin Paulista  
04562-080 – São Paulo – SP  
tel.: 11 9 9687 5222  
rctardivo@uol.com.br

RECEBIDO 10.11.2014  
ACEITO 05.12.2014

